

## SKINHEADS ANTIFASCISTAS BRASILEIROS: ORIGENS, FANZINES E IDENTIDADE

BRUNO COUTINHO LUCAS PEREIRA<sup>1</sup>; ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – brunoclucasp@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – aristeuufpel@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O movimento skinhead surgiu na Inglaterra no final da década de 1960, como uma subcultura juvenil ligada à classe trabalhadora, com forte influência da música jamaicana (reggae e ska) e da estética proletária. Inicialmente não vinculado à política partidária, esse universo tornou-se, ao longo das décadas seguintes, objeto de disputa entre vertentes nacionalistas, supremacistas brancas e antifascistas. Embora o senso comum ainda associe os skinheads à extrema-direita, diferentes grupos passaram a reivindicar a tradição original do movimento com base em princípios antirracistas, classistas e internacionalistas (BORGESON E VALERI, 2018).

Este trabalho, tem por objetivo apresentar a pesquisa de mestrado em andamento de seu autor, a qual investiga como os skinheads antifascistas brasileiros constroem uma identidade latino-americana a partir de uma consciência histórica mobilizada em fanzines digitais. Importa esclarecer que fanzines são publicações independentes, de baixo custo e produção artesanal, historicamente utilizadas por movimentos culturais e políticos para difundir ideias, promover debates e fortalecer redes de pertencimento fora dos meios de comunicação hegemônicos (MAGALHÃES, 1996). O objetivo principal consiste em compreender como a consciência histórica é utilizada como ferramenta de afirmação identitária e construção de pertencimento latino-americano. Desse eixo central derivam três objetivos específicos: (1) mapear a formação dos primeiros grupos skinheads antifascistas no Brasil, utilizando fanzines como fonte; (2) analisar os fanzines digitais enquanto ferramentas de contestação política, que criam espaços alternativos à mídia tradicional; e (3) investigar a disputa por identidade dentro do movimento skinhead por meio dessas publicações.

A base teórica do trabalho articula os conceitos de consciência histórica (RÜSEN, 2001), identidade (HALL, 2006), cultura da mídia (KELLNER, 2001) e antifascismo (BRAY, 2020), compreendendo-os como fundamentais para interpretar os modos pelos quais esses grupos jovens se posicionam politicamente. No campo bibliográfico, dialoga-se com estudos sobre o movimento skinhead no Brasil e no mundo, como COSTA (2000), FRANÇA (2008), VELASCO PEÑA (2015), MARCHI (2016), SILVA (2017), BORGESON E VALERI (2018), ALMEIDA (2012, 2017, 2022) e PEREZ JR (2022), observando que há significativa produção sobre os setores nacionalistas, supremacistas e apolíticos da subcultura, mas uma notória lacuna quanto à atuação dos skinheads antifascistas, especialmente no Brasil. Esta ausência de investigação sistemática justifica a relevância do presente estudo, ao lançar luz sobre uma vertente ainda pouco explorada, cujas formas de mobilização política se articulam em torno da interpretação histórica e da afirmação de identidades contra-hegemônicas.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa adota a análise crítica do discurso como principal abordagem metodológica (PINTO, 2002), considerando os contextos históricos e sociais de produção das fontes. Complementarmente, são mobilizados os conceitos de *ethos discursivo* (MAINGUENEAU, 2020) e de *representação construcionista* (HALL, 2016). O primeiro permite compreender como os enunciadores dos fanzines constroem para si uma imagem de credibilidade, autoridade moral e legitimidade política no interior do texto por meio de escolhas linguísticas, estilísticas e pragmáticas. Já a representação construcionista considera que os significados das ilustrações não são naturais nem fixos, mas socialmente construídos por meio de discursos. Assim, imagens e símbolos empregados nos fanzines são analisados como elementos performativos que constroem sentidos e disputam a identidade skinhead.

As fontes utilizadas são três conjuntos de fanzines digitais: *Amenaza Latina*, *Duas Cores* e *Fora Skins*, publicados entre 2012 e 2021, obtidos por meio de redes sociais e arquivos digitais compartilhados. As publicações foram selecionadas por sua relevância no debate interno do movimento, diversidade de perspectivas e representatividade geográfica. O podcast *Desobediência Sonora* também é utilizado como fonte complementar para identificar memórias orais e trajetórias militantes dos skinheads antifascistas no Brasil.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa já atingiu o objetivo específico de mapear a formação dos primeiros grupos skinheads antifascistas no Brasil. Os resultados mostram que, embora o movimento tenha chegado ao país nos anos 1980 já marcado por influências da extrema-direita — especialmente na região do ABC Paulista, com a atuação dos “Carecas do Subúrbio” —, já havia naquele momento núcleos que se identificavam como SHARP (Skinheads Against Racial Prejudice, ou Skinheads Contra o Preconceito Racial). O SHARP é um movimento global fundado nos anos 1980 nos Estados Unidos, com o objetivo de resgatar as raízes multiculturais do skinhead e combater o racismo e a apropriação neonazista da subcultura. No entanto, tratavam-se de agrupamentos vinculados à cena careca local, que adotaram a sigla sem conhecer completamente seu significado internacional. Ao descobrirem que o SHARP tinha um alinhamento à esquerda, esses grupos abandonaram a nomenclatura, reafirmando suas posições nacionalistas ou conservadoras.

Foi apenas em 2005 que surgiu o coletivo SHARP Brasil, com posicionamento declaradamente antifascista, tornando-se o principal objeto de análise desta pesquisa. Diferentemente das experiências anteriores, esse grupo se articulou com base em princípios antirracistas, anticoloniais e socialistas, assumindo seu pertencimento a uma tradição internacional de resistência. Paralelamente, a pesquisa também mapeou a origem do coletivo RASH (*Red and Anarchist Skinheads*, ou Skinheads Vermelhos e Anarquistas), que se diferencia do SHARP por seu alinhamento direto ao comunismo e ao anarquismo. A partir de entrevistas no podcast *Desobediência Sonora*, foi possível identificar que o RASH São Paulo foi fundado no início dos anos 2000, atingindo maturidade política também em 2005 — ano que se destaca por reunir dois marcos centrais: a criação do SHARP Brasil e a consolidação ideológica do RASH-SP, o que conferiu àquele momento um peso singular para o fortalecimento do antifascismo organizado no interior da subcultura skinhead brasileira.

Esses grupos, inicialmente marginalizados dentro da própria subcultura, passaram a ganhar visibilidade com o advento da internet e a popularização das redes sociais, que facilitaram o acesso a referências internacionais e permitiram a circulação de conteúdos próprios, como os fanzines *Duas Cores* e *Amenaza Latina*. Ainda assim, o amadurecimento desses coletivos não foi linear nem homogêneo. Envolveu disputas internas, tensões com o legado simbólico da estética skinhead e um esforço contínuo de legitimação frente a outras subculturas antifascistas consolidadas no cenário nacional, como os punks.

Além disso, a pesquisa identificou também elementos que sustentam a construção de uma identidade latino-americana nos fanzines analisados. As publicações rememoram eventos estruturantes da história do continente, como o processo de colonização europeia, a escravização de povos indígenas e africanos, e a continuidade do imperialismo mesmo após as independências dos países latino-americanos. Tais referências são articuladas como fundamentos históricos de resistência e opressão, capazes de unificar politicamente os grupos em torno de uma memória coletiva anticolonial. Ademais, figuras como Emiliano Zapata são evocadas como ícones da luta popular, associando os valores do movimento skinhead antifascista a uma tradição revolucionária latino-americana.

#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa culminou em uma abordagem original ao analisar os skinheads antifascistas brasileiros a partir da articulação entre subcultura juvenil, consciência histórica e práticas de comunicação alternativa. Ao explorar os fanzines digitais como instrumentos de produção identitária e disputa política, o trabalho está contribuindo para ampliar a compreensão das formas contemporâneas de resistência cultural, especialmente em contextos marcados por disputas simbólicas dentro de tradições marginalizadas. Dessa forma, os desdobramentos da pesquisa apontam para a conexão entre práticas de memória e construção de pertencimento latino-americano em grupos jovens organizados fora das estruturas institucionais tradicionais. Essa perspectiva amplia o campo dos estudos sobre juventude e radicalismo político, ao evidenciar que a subcultura skinhead, longe de ser homogênea, abriga vozes que ressignificam sua herança e projetam identidades contra-hegemônicas no ambiente digital.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Alexandre. **Música Skinhead White Power brasileira: Guia de Referência**. Tese de Doutorado (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- ALMEIDA, Alexandre. Nem vermelho, nem racista: os skinzines integralistas. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. v.2. Guaíba/RS: Editora Sob Medida, 2012, p. 449–471.
- ALMEIDA, Alexandre. **Os mitos políticos do poder branco paulista**. São Paulo: Todas as Musas, 2022.
- BORGESON, Kevin; VALERI, Robin. **Skinhead History, Identity, and Culture**. 1. ed. New York: Routledge, 2017. 162 p.
- BRAY, Mark. **Antifa: o manual antifascista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- COSTA, Márcia Regina. **Os “Carecas do Subúrbio”: caminhos de um nomadismo moderno**. São Paulo: Editora Musa, 2000.

- FRANÇA, Carlos Eduardo. **O linchamento de Edson Neris da Silva: reelaborações identitárias dos skinheads.** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Sociais). Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, São Paulo, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2016.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia: Estudos Culturais: Identidade e Política Entre o Moderno e o Pós-Moderno.** Bauru: EDUSC, 2001.
- MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1993
- MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos.** Trad. Marcos Marcionilo. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- MARCHI, Riccardo; ZÚQUETE, José Pedro. The other side of protest music: the extreme-right and skinhead culture in democratic Portugal (1974-2015). **JOMEC Journal**, n. 9, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18573/j.2016.10042>. Acesso em: 07/07/2025.
- PEREZ JR, Ricardo. **"Trojan Skins for Black Lives Matter": An exploration of anti-racist skinheads: understanding identity, resistance, and the reclaiming of social space.** 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – California State University, Northridge, 2022.
- PINTO, M. J. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos.** 2 ed. São Paulo: Hacker, 2002.
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica – teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.** Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UNB, 2001
- SILVA, Wlisses James de Farias. A linguagem da intolerância e seu fruto mais extremado: um breve histórico dos skinheads no Brasil e no mundo. **Jamaxi**, [S. I.], v. 1, n. 1, 2017, p. 164–174.
- VELASCO PEÑA, G. C. Rash Bogotá. La contracultura juvenil. De las cabezas rapadas, antirracistas y con tendencia a la izquierda. **Educación y Ciudad**, [S. I.], n. 18, p. 159–175, 2015. Disponível em: <https://revistas.idep.edu.co/index.php/educacion-y-ciudad/article/view/174>. Acesso em: 03/04/2025.